MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
6 de Março de 2018

I.

Em Itália *Movimento 5 Estrelas* vence eleições legislativas, mas falha maioria. Para já nenhuma coligação alcança resultado que permita formar governo.

Na Rússia, Vladimir Putin diz que tem um míssil balístico com capacidade para chegar a qualquer ponto do mundo.

E ainda nesta edição: Vaga de frio mata pelo menos 60 pessoas na Europa.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Em Itália, o *Movimento 5 Estrelas* foi o partido mais votado das eleições legislativas. Conquistou 32 por cento dos votos e venceu sem maioria. Juntos, o centro-direita e a extrema-direita conseguiram um resultado acima do 5 Estrelas: 37 por cento. Até ao fecho desta edição, estes eram os resultados. A governabilidade de Itália volta a estar em risco, como nos conta a jornalista da Antena 1 Raquel Morão Lopes.

[*Movimento 5 estrelas, partido mais votado, cerca de um terço dos eleitores escolheram o partido fundado pelo humorista Beppe Grilo e agora liderado por Luigi Di Maio, cuja reacção das primeiras reacções foi divulgada nas redes sociais através de um vídeo. Vêem-se sorrisos e abraços entre os dirigentes do partido e ouvem-se gritos em ambiente de festa. Foi também da parte do Movimento 5 Estrelas que chegou a primeira reacção da noite.*
"Limitamo-nos a constatar um dado que é evidente, que é o Movimento 5 Estrelas será o pilar desta 18.ª legislatura. A confirmarem-se estes dados estaremos sem dúvida perante um resulta que não hesito em definir como histórico e extraordinário". Falou Bonafonte, futuro Ministro da Justiça se o Movimento chegar ao governo. Depois Di Battista, até agora deputado pelo 5 Estrelas. "Todos terão de vir falar connosco e esta é talvez a primeira vez que acontece. Todos terão de vir falar connosco e, para além de tudo, esta é a melhor garantia de transparência para o povo italiano, porque as forças políticas terão de vir falar connosco, utilizando os nossos métodos de transparência, de correcção, de credibilidade".
Em comum, a convicção de que não pode haver governo em Itália sem o 5 Estrelas. Só que os partidos de centro-direita e de extrema-direita coligados conseguem um resultado acima do

Movimento 5 Estrelas sozinho e com um dado relevante: a Liga Norte, partido anti-imigração muito crítico da União Europeia, consegue mais votos que a "Força Itália de centro-direita de Silvio Berlusconi. Mesmo assim, nenhuma força política, nenhuma coligação obtém uma maioria suficiente para desde já formar governo, ou seja, volta a estar em cima da mesa o cenário da ingovernabilidade em Itália.]

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, o que é que se vai fazer perante este cenário?
Este cenário é um cenário muito complexo e provavelmente vai ser muito difícil formar governo nas próximas semanas. O presidente da República italiana Sergio Mattarella vai ter uma tarefa muito difícil, que é tentar criar uma coligação de partidos que são muito diferentes e numa Itália que está dividida ao meio. A parte Norte de Itália votou à direita e sobretudo votou pelo partido de Salvini, que é o partido Liga Norte, e a parte Sul da Itália votou totalmente pelo Movimento 5 Estrela. Ora um país dividido ao meio é um país praticamente ingovernável. A grande solução seria encontrar uma coligação entre o Movimento 5 Estrelas e, por outro lado, a Liga, o partido de Salvini.

Em relação ao vencedor Movimento Cinco Estrelas. Que projecto é este?
Este é sobretudo um movimento de protesto, é um movimento de mal-estar, anti-sistema e anti políticos tradicionais. Aliás, estas eleições mostraram claramente que os políticos tradicionais já não convencem e que na realidade as pessoas pessoas precisam de outras alternativas e certamente o Movimento 5 Estrelas é visto como um partido de alternativa. Mas é um partido que não foi feito para governar, é um partido que foi feito para contestar o sistema, e vai ser muito difícil a este partido entrar em coligação com qualquer outro partido, na medida em que o Movimento 5 Estrelas não tem propriamente um programa de governo, tem sim um programa de protesto, um programa que é contra a maneira tradicional de fazer política.

Entretanto foi já avançada a notícia de que Matteo Renzi se demitiu. Já era esperado perante o fracasso eleitoral do Partido Democrático?
Sim, Matteo Renzi que tinha sido há dois ou três anos atrás primeiro-ministro e que era uma das grandes esperanças da social-democracia europeia acabou a sua carreira política, pelo menos para já, nestas eleições. Não só Renzi foi um dos grandes

perdedores da eleição italiana, mas também foi um exemplo mais de que a social-democracia europeia tem neste momento extremas dificuldades eleitorais.
Felizmente na Alemanha, o Partido Social-Democrata resolveu aderir ao projecto de coligação e vamos ter boas notícias, digamos assim, do lado alemão no sentido de que vai haver nos próximos dias um novo governo.

A verdade é que no seio do SPD havia essa dúvida. O que é que levou a que os militantes do Partido Social-Democrata alemão acabassem por votar "sim".
Sim, durante muito tempo, durante várias semanas, os analistas estavam muito indecisos quanto ao que poderia ser o resultado do referendo dentro do Partido Social-Democrata alemão. Mas a verdade é que os militantes do Partido Social-Democrata alemão decidiram por cerca de 2/3 da votação apoiar o governo de coligação com Angela Merkel. A principal razão por que apoiam este governo de coligação é que se eles fossem agora novamente confrontados com uma eleição, perderiam ainda mais votos. Ou seja, nós assistiríamos a uma descida dramática do número de apoiantes do Partido Social-Democrata e provavelmente foi essa a razão que levou os sociais-democratas alemães a apoiar a coligação com Merkel.

III.

O presidente russo anunciou o desenvolvimento de arsenal nuclear com capacidade para chegar a qualquer ponto do mundo. Num discurso que fez a duas semanas das eleições, Vladimir Putin diz que não tem intenção de atacar ninguém, como nos conta a Antena 1.

[*Um discurso bélico de elevação dos potenciais de armamento da Rússia. Do novo míssil de cruzeiro que não terá limite de alcance e de trajectória imprevisível ao drone submarino que pode percorrer distâncias intercontinentais. Em todas as áreas, o presidente Vladimir Putin deixou avanços tecnológicos e a certeza de que as armas serão produzidas em série. Também mencionou o reforço dos sistemas antimísseis perante um não-acordo com os norte-americanos. Vladimir Putin está seguro que há hoje um novo respeito pelas capacidades das forças armadas russas, basta olhar à intervenção militar na Síria. Ao longo de quase duas horas, grande parte do tempo do discurso de Putin ao parlamento foi com a questão do armamento, mas o presidente russo afirma que não há intenção de ameaçar ninguém e que não pretende atacar ninguém. Que a Rússia está interessada na cooperação com os Estados Unidos e com a Europa, mesmo quando não coincidem as posições,*

e que todo o arsenal militar que mencionou não viola qualquer tratado internacional.]

Victor, este discurso a duas semanas das eleições russas, um dos mais beligerantes de Putin no Kremlin, em que anuncia arsenal nuclear, como é que olha a União Europeia para este anúncio?
Com muita preocupação. Por várias razões. Por um lado, porque isto mostra que estamos novamente numa corrida aos armamentos. Por outro lado, mostra que o diálogo com a Rússia vai continuar a ser muito difícil, quando na realidade há muito político na União Europeia que gostaria de ver o diálogo com a Rússia recomeçar. Há uma preocupação também muito grande com base no seguinte: que a narrativa que o presidente russo continua a contar é uma narrativa em que o Ocidente aparece como o mau da fita, ou seja, o Ocidente - e nomeadamente a Europa - procurariam cercar e estrangular a Rússia. E esse tipo de discurso é evidente que não favorece as relações de boa vizinhança que devem existir entre a União Europeia e a Rússia.

E terá a Rússia efectivamente este míssil que tem capacidade para alcançar qualquer ponto do globo?
Provavelmente nos computadores e nas simulações informáticas já tem. Na realidade há quem duvide. Eu sou daqueles que duvidam, porque este tipo de armas demoram muitos anos a desenvolver e precisam de muitos ensaios. E a verdade é que nós não temos assistido nos últimos anos a ensaios deste tipo de armamento. Aquilo que se tem visto em termos do exército russo, por exemplo, na Síria ou dos últimos exercícios militares da Rússia ao longo das fronteiras com a União Europeia, não nos permite chegar à conclusão de que já existe este tipo de armamentos.

Victor, por outro lado temos uma outra guerra, a "trade war", declarada por Donald Trump, foi assim que definiu no *twitter*, que decidiu aplicar uma taxa elevada sobre o aço e o alumínio que a União Europeia exporta para os EUA. A União Europeia não gostou e promete sanções. Vamos ouvir as declarações do porta-voz da Comissão Europeia, Alexander Winterstein.

Alexander Winterstein, Porta-voz União Europeia
Não iremos ficar de braços cruzados, enquanto a nossa indústria é atingida com medidas injustas, que colocam em risco milhares de empregos europeus. A União Europeia reagirá firme e proporcionalmente para defender os nossos interesses.

Responder a sanções com sanções é a solução e o que é que se pode dizer desta "trade war"?

MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
6 de Março de 2018

A declaração de Donald Trump foi muito mal recebida na Europa. O presidente da Comissão Europeia Jean-Claude Juncker reagiu imediatamente, dizendo que a Europa também irá aplicar sanções e falou mesmo de produtos concretos, nomeadamente das motas Harley Davidson, do whiskey americano, do Bourbon, e também das calças Levi´s, ou seja, produtos que são, em certa medida, simbólicos, em termos daquilo que é importado para a Europa. A mensagem que Bruxelas quer transmitir é a seguinte: Se Washington aplica tarifas suplementares, a Europa também irá reagir em relação a isso. As exportações europeias para os Estados Unidos de aço não passam dos 4 a 5 por cento do total das importações americanas, mas é a questão simbólica e é o facto de que quando um estado toma um determinado tipo de medidas em termos de impedimentos às importações, outros estados e, nomeadamente, a União Europeia têm imediatamente o objectivo de retaliar para mostrar que esse tipo de decisões económicas e comerciais não são aceitáveis.

Para entender melhor a dimensão desta "trade war", de que forma é que pode ela afectar a economia da União Europeia e os postos de trabalho dos cidadãos europeus?
Aqui em Bruxelas pensa-se que este foi o primeiro passo que Donald Trump tomou. A seguir virão tarifas sobre os automóveis e provavelmente sobre as viaturas europeias. E aí é que está o grande receio, porque a indústria automóvel na Europa representa centenas de milhares de postos de trabalho e o mercado americano é um mercado importante para a exportação de veículos produzidos na Europa para os Estados Unidos.

Numa outra frente temos outra declaração de guerra, desta vez de Bruxelas e tem a ver com a cibersegurança. A União Europeia quer atacar a proliferação de conteúdos ilegais na internet. Deu instruções para a remover esse tipo de conteúdo, acima de tudo relacionado com terrorismo. A medida vale para gigantes como o Facebook ou Google.
Que riscos de cibersegurança enfrenta a União Europeia neste mundo globalizado? Temos inclusivamente o ataque recente ao Ministério do Interior na Alemanha.
Nós temos aqui dois tipos de situações. Por um lado, a utilização das plataformas, como o Google ou o Facebook para fazer a propagação de ideias extremistas e nomeadamente a promoção do terrorismo. Foi o tipo de problemas que a União Europeia tentou tratar esta semana, ou seja, fazer com que as diferentes plataformas sociais possam controlar e evitar que haja propaganda extremista, propaganda de terrorismo ou racismo ou falsa informação ou a promoção do ódio. Mas para além disso, há uma outra questão que é a questão da espionagem. E foi isso que

aconteceu na semana passada na Alemanha. Uma nação hostil tentou entrar nos sistemas informáticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e no Ministério do Interior e procurou retirar o máximo de informações sensíveis, quer informações relativas à política alemã, quer informações relativas à NATO e às posições da União Europeia. Isto não são indivíduos, não são jovens, hackers, isto são organizações muito bem estruturadas, muito financiadas e que só podem estar nas mãos, digamos assim, de países extremamente poderosos. E neste momento, os países que mais atacam e mais procuram fazer espionagem na União Europeia são, por um lado, a Rússia, certamente, em grande medida também a Coreia do Norte e também, cada vez mais há muito receio em relação aos serviços de espionagem chineses.

Mas ainda em relação à questão do conteúdo, isto levanta uma outra questão importante, que tem a ver com as liberdades, com a liberdade de expressão. Como é que se pode combater esta situação sem, ao mesmo tempo, estar a censurar?
É muito difícil, porque muitas vezes não é muito fácil fazer a diferença entre o que é propaganda, por exemplo, racista, e aquilo que é apenas o comentário do cidadão. Mas a verdade é que muitos movimentos extremistas têm aproveitado as plataformas sociais para fazer a promoção das suas ideias e também para lançar informações falsas.

IV.

Na Europa pelo menos 60 pessoas morreram devido à vaga de frio originária da Sibéria. A maioria das vítimas mortais vivia na Polónia. Mais com a jornalista Lina Ferreira.

A vaga de frio causada por massas de ar gelado com origem na Sibéria e na Escandinávia já fez pelo menos 60 mortos na Europa. Só na Polónia 23 pessoas perderam a vida, a maioria era sem-abrigo. Aqui as temperaturas desceram até 15 graus negativos. A "Besta do Leste", como foi baptizada esta vaga de frio, fez estragos um pouco por todo o continente europeu. Estradas ficaram bloqueadas, aeroportos cancelaram voos, escolas fecharam as portas e algumas regiões ficaram sem electricidade. No Reino Unido, o exército foi chamado para auxiliar as equipas de socorro. De acordo com a AFP morreram ainda sete pessoas na Eslováquia, seis na República Checa, cinco na Lituânia e cinco em França. Registaram-se ainda perdas de vidas na Roménia, Espanha, Itália, Sérvia, Holanda, Noruega, Eslovénia, Reino Unido e Suécia.

São 60 mortos na Europa na semana passada. A maioria é sem-abrigo. Que é que falta fazer para pôr cobro a esta situação?

A questão dos sem-abrigo foi uma questão muito debatida, nomeadamente aqui em Bruxelas, porque vários governos locais da Bélgica decidiram obrigar os sem-abrigo a recolher a assentos de acolhimento. E alguns dos sem-abrigo acharam que isso era uma violação dos seus direitos e das suas liberdades. Mas a verdade é que existem muitos sem-abrigo e é também verdade que este tipo de frio prolongado, de mau tempo, tem um impacto sobre a saúde das pessoas e nomeadamente sobre quem está na rua sem qualquer tipo de protecção.
E é também verdade que neste momento o frio na Europa já não faz aquilo que fazia no passado. Eu lembro-me de ter lido na história de que no tempo de Luís XIV, por exemplo, em Janeiro de 1709, houve uma vaga de frio exactamente semelhante com o mesmo tipo de temperaturas, daquelas que nós tivemos agora na semana passada. Nesse tempo, no templo de Luís XIV, por causa dessa vaga de frio, morreram 600 mil franceses, ou seja, isto mostra claramente que a situação mudou totalmente, mas também mostra evidentemente que ainda há pessoas que vivem em condições extremamente difíceis, até porque o frio não é apenas uma questão em relação aos sem-abrigo, é também uma questão em relação, por exemplo, às pessoas que têm poucos meios económicos e nomeadamente em relação às pessoas mais idosas, que vivem de pensões muito pequenas e muitas vezes essas pessoas não têm meios económicos para se aquecer e acabam por ficar numa situação extremamente difícil e que põe em perigo a sua sobrevivência.

V.
E antes de terminarmos deixamos a nossa sugestão cultural para esta semana.
"Encontros" é o nome da exposição que reúne cerca de 50 obras do prémio Nobel da Literatura Günter Grass.
A obra literária do alemão vai misturar-se com pintura e escultura.
É uma exposição para ver na Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto, até 23 de Setembro. Nós voltamos na próxima terça. Até lá.

[ficha técnica]
Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus
+ Estamos no Facebook em Magazine Europa.